

FATORES PSICOSSOCIAIS NO TRABALHO DE CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS NO BRASIL: UMA REVISÃO NARRATIVA

Marcele de Oliveira Soares Maia¹;

¹Mindcatchlab, Curitiba, Paraná.

<http://lattes.cnpq.br/5986077024048598>

Aurelio dos Santos Couto²;

²Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Vitória, Espírito Santo.

<http://lattes.cnpq.br/6930735178624492>

Suzanny Oliveira Mendes³;

³Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Vitória, Espírito Santo.

<http://lattes.cnpq.br/5613486906366786>

RESUMO: O trabalho de catadores de materiais recicláveis ocupa lugar central na gestão de resíduos sólidos no Brasil, mas é historicamente marcado por precariedade, estigma e exposição a riscos ocupacionais. Poucos trabalhos avaliam os fatores inerentes à saúde mental dessa classe, reforçando a necessidade de pesquisas voltadas à esses aspectos. O objetivo desse trabalho é realizar uma revisão narrativa, analisando os fatores psicossociais que influenciam a saúde de trabalhadores da reciclagem no Brasil. Foram selecionados artigos que abordam satisfação e insatisfação no trabalho, percepção de riscos, condições laborais e intervenções de cuidado. Os resultados encontrados indicam que os fatores psicossociais centrais incluem identificação com o trabalho e sentido de dignidade; reconhecimento social e familiar; qualidade das relações interpessoais e clima organizacional nas cooperativas; possibilidades de participação e negociação na organização do trabalho. Conclui-se que intervenções que integrem pesquisa e cuidado, como a pesquisa convergente-assistencial, são promissoras para promover saúde mental e fortalecer o trabalho coletivo entre catadores.

PALAVRAS-CHAVE: Catadores. Saúde do trabalhador. Saúde mental.

PSYCHOSOCIAL FACTORS IN THE WORK OF RECYCLABLE MATERIAL COLLECTORS IN BRAZIL: A NARRATIVE REVIEW

ABSTRACT: The work of recyclable material collectors plays a central role in solid waste management in Brazil, but it has historically been characterized by precarious working conditions, stigma, and exposure to occupational risks. Few studies have assessed the factors related to the mental health of this occupational group, reinforcing the need for research focused on these aspects. The objective of this study is to conduct a narrative review analyzing the psychosocial factors that influence the health of recycling workers in Brazil. Articles addressing job satisfaction and dissatisfaction, risk perception, working conditions, and care interventions were selected. The findings indicate that the main psychosocial factors include identification with the work and a sense of dignity; social and family recognition; the quality of interpersonal relationships and organizational climate within cooperatives; and opportunities for participation and negotiation in work organization. It is concluded that interventions integrating research and care, such as convergent care research, show promise for promoting mental health and strengthening collective work among recyclable material collectors.

KEYWORDS: Recyclable material collectors. Workers' health. Mental health.

INTRODUÇÃO

O conceito de saúde e gerenciamento dos fatores de risco atrelados ao trabalho têm sido objeto de estudos e esforços coletivos ao redor do mundo. A Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS) reconheceu os catadores de materiais recicláveis como agentes fundamentais para a gestão ambientalmente adequada dos resíduos no Brasil. Apesar desse avanço normativo, grande parte desses trabalhadores atua em condições de informalidade; baixa remuneração; ausência de proteção social e exposição a riscos físicos, químicos e biológicos. Nesse contexto, a saúde dos catadores não pode ser compreendida apenas a partir de agravos físicos e doenças ocupacionais; é necessário considerar também as dimensões psicossociais do trabalho, que envolvem subjetividade, identidade, relações interpessoais e organização do processo laboral.

Estudos conduzidos no campo da enfermagem em saúde do trabalhador e da saúde coletiva têm evidenciado que fatores como estigma social, discriminação, conflitos interpessoais, precariedade de equipamentos de proteção individual (EPIs) e condições inadequadas de infraestrutura exercem influência decisiva sobre a satisfação, o sofrimento psíquico e a saúde mental de catadores (Dall'agnol; Fernandes, 2007; Fontana *et al.*, 2015; Coelho *et al.*, 2017). Ao mesmo tempo, o trabalho em cooperativas e associações pode funcionar como espaço de construção de identidade coletiva, geração de renda e reconhecimento social, produzindo efeitos positivos sobre o bem-estar subjetivo (Medeiros;

Macedo, 2006; Kirchner *et al.*, 2009).

OBJETIVO

O objetivo deste trabalho é analisar estudos sobre fatores psicossociais que afetam a saúde mental dos profissionais da reciclagem, bem como discutir evidências e subsidiar reflexões sobre práticas de cuidado, gestão do trabalho e segurança psicológica e políticas públicas voltadas a essa população.

METODOLOGIA

Trata-se de revisão narrativa da literatura, com seleção de artigos científicos publicados em periódicos nacionais e internacionais, disponíveis nas bases SciELO e PubMed. Foram incluídos estudos empíricos ou teóricos que abordassem saúde, trabalho e/ou fatores psicossociais de catadores de materiais recicláveis no Brasil.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram priorizados três estudos empíricos que apresentam aderência ao tema: Dall'agnol e Fernandes (2007), publicado na Revista Latino-Americana de Enfermagem; Fontana *et al.* (2015), publicado na Vigilância em Saúde em Debate; e Coelho *et al.* (2017), estudo qualitativo de pesquisa convergente-assistencial publicado na Revista Brasileira de Enfermagem. Esses trabalhos foram articulados com outros estudos sobre a realidade da cadeia da reciclagem, de modo a compor uma análise integrada dos fatores psicossociais no trabalho da reciclagem (Porto *et al.*, 2004; Medeiros; Macedo, 2006; Cavalcante; Franco, 2007; Kirchner *et al.*, 2009; Lazzari; Reis, 2011).

O trabalho de catadores no Brasil: contexto e condições de vida

Os catadores de materiais recicláveis constituem - em geral - um grupo heterogêneo, composto por homens e mulheres de diferentes faixas etárias, que atuam em lixões, aterros, ruas, cooperativas e associações de triagem. Muitos provêm de situações de vulnerabilidade social, incluindo histórico de trabalho informal, baixa escolaridade e, em alguns casos, passagem por situação de rua (Porto *et al.*, 2004; Medeiros; Macedo, 2006). O trabalho com resíduos é frequentemente associado a estigma, discriminação e invisibilidade social, o que se reflete nas relações familiares, comunitárias e com usuários de serviços (Cavalcante; Franco, 2007).

Apesar das características heterogêneas do considerado grupo, destaca-se que as pesquisas qualitativas foram aplicadas em públicos de cooperativas exclusivamente femininas. Tal dado chama a atenção como oportunidade para estudos mais profundos e

detidos; bem como melhor apuração de dados sobre este recorte de realidade de gênero no País.

Porto et al. (2004) descrevem condições de vida precárias, exposição intensa a riscos ocupacionais e ausência de proteção social entre catadores que atuam em aterros metropolitanos. Por sua vez, pesquisas sobre cooperativas e associações destacam seu potencial como espaços de inclusão social e construção de cidadania, sem deixar de indicar desafios relacionados à gestão; distribuição de tarefas e às relações interpessoais no interior desses empreendimentos (Kirchner et al., 2009; Lazzari; Reis, 2011).

Riscos ocupacionais e percepção de riscos: implicações psicossociais

A literatura sobre saúde de catadores frequentemente descreve a exposição a agentes biológicos, físicos e químicos como característica estrutural desse trabalho. No entanto, uma análise mais detida revela que o cerne da questão não está apenas na presença desses riscos, mas na forma como os próprios trabalhadores os compreendem — ou deixam de compreendê-los como tais (Dall’agnol; Fernandes, 2007; Cavalcante; Franco, 2007).

Os estudos apontam que em uma cooperativa de lixo reciclável, muitos catadores não reconhecem cortes, escoriações e perfurações como acidentes de trabalho, mas apenas como agravos que os impedem de trabalhar. Essa percepção seletiva revela uma compreensão de saúde atrelada à capacidade produtiva: saúde é poder trabalhar; doença é não poder. O risco, nessa lógica, só se torna visível quando se converte em impedimento laboral imediato.

Essa visão está intimamente ligada a prioridades de sobrevivência. Em um contexto de insegurança econômica e necessidade de manter a renda, a atenção dos trabalhadores se volta para o que ameaça diretamente sua capacidade de gerar renda porque a fome é a necessidade primária. Riscos que não produzem incapacidade imediata tendem a ser minimizados, ignorados ou naturalizados. A saúde, assim, é compreendida de forma superficial — como ausência de doença incapacitante — e não como bem-estar físico, mental e social (Porto *et al.*, 2004; Fontana *et al.*, 2015).

Dall’agnol e Fernandes (2007) destacam ainda que essa percepção restritiva de risco e saúde coexiste com uma organização do trabalho que prioriza aspectos quantitativos (produção, quantidade de material triado, renda gerada) em detrimento de dimensões qualitativas, como prazer, bem-estar e satisfação no trabalho. Os autores apontam que, quando há possibilidade de perceber prazer e bem-estar no trabalho — por meio de ganhos simbólicos, reconhecimento, socialização e sentido de dignidade —, os catadores desenvolvem uma relação mais positiva com sua atividade, o que pode funcionar como fator de proteção psicossocial.

Essa tensão entre dimensões quantitativas e qualitativas do trabalho encontra ressonância na literatura mais ampla sobre saúde e satisfação no trabalho. Revisão bibliográfica publicada nos *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho* (2003) destaca que as concepções contemporâneas de saúde no trabalho têm evoluído de visões mecanicistas, focadas em salários e condições materiais, para abordagens que contemplam a interação entre aspectos psicossociais, organização do trabalho e subjetividades. Os autores argumentam que a saúde mental no trabalho não pode ser compreendida apenas como ausência de doença, mas como resultado de dinâmicas complexas entre satisfação, reconhecimento, autonomia e qualidade das relações interpessoais.

Na mesma direção, estudo com mulheres trabalhadoras na Malásia (Aazami *et al.*, 2015) identificou associação significativa entre satisfação no trabalho e saúde psicológica e física. Trabalhadoras insatisfeitas apresentaram maior prevalência de distress psicológico, distúrbios do sono, cefaleia, problemas gastrointestinais e respiratórios. Os autores destacam que a satisfação com a natureza do trabalho — ou seja, com o conteúdo e o significado da atividade laboral — foi o preditor mais forte para distress psicológico, sugerindo que dimensões simbólicas e subjetivas do trabalho exercem influência direta sobre a saúde mental e física.

Transpondo esses achados para a realidade dos catadores no Brasil, é possível compreender que o risco psicossocial não reside apenas na exposição a agentes nocivos, mas na dificuldade de reconhecer e valorizar dimensões qualitativas do trabalho que promovam saúde para além da ausência de doença. A naturalização do risco, a subnotificação de acidentes e a precariedade de medidas de proteção são, assim, sintomas de uma compreensão restritiva de saúde, atrelada à sobrevivência como premissa; o que deixa pouco espaço para o cuidado, o autocuidado e a percepção de prazer e bem-estar no trabalho (Dall’agnol; Fernandes, 2007; Fontana *et al.*, 2015; Cavalcante; Franco, 2007).

Fontana *et al.* (2015), em estudo com trabalhadores de uma cooperativa de triagem no interior do Rio Grande do Sul, corroboram essa análise ao identificarem que, apesar da exposição a riscos biológicos e de referirem agravos como cefaleia, náusea, resfriados, alergias e problemas dermatológicos, muitos trabalhadores avaliaram o trabalho com notas elevadas (9–10). Essa aparente contradição sugere que a percepção de saúde e risco pode ser complexa e paradoxal: coexistem sofrimento físico e satisfação subjetiva, o que reforça a necessidade de compreender o risco não apenas como ameaça à integridade física, mas como fenômeno que envolve múltiplas dimensões.

Satisfação e insatisfação no trabalho: dimensões simbólicas e relacionais

Os estudos levantados, apontam uma estreita relação entre trabalho e subjetividade, demonstrando que a satisfação no trabalho está frequentemente relacionada a questões da ordem das experiências humanas, como o valor simbólico do labor e as relações entre as pessoas. Para os autores, o trabalho representa uma experiência humana dinâmica e paradoxal, agente de sentimentos de satisfação e saúde e de insatisfação e sofrimento

(Coelho *et al.* 2017).

Essa afirmação revela um eixo central que atravessa diferentes contextos laborais: o trabalho simultaneamente como fonte de saúde e sofrimento, satisfação e insatisfação, dignidade e estigma. Mais do que isso, ela indica que a subjetividade das relações humanas — o valor simbólico do labor, o reconhecimento, o pertencimento — não é um “luxo” ou uma dimensão secundária, mas uma necessidade humana que se manifesta também em contextos de alta precariedade, como é o caso do trabalho de catadores de materiais recicláveis no Brasil.

Apesar das condições precárias, catadores desenvolvem vínculos positivos com sua atividade, mediados não apenas por ganhos materiais, mas sobretudo por experiências de reconhecimento, pertencimento e dignidade. Fontana *et al.* (2015) registraram avaliações positivas do trabalho entre trabalhadores de uma cooperativa de triagem no Rio Grande do Sul, associadas à geração de renda para o sustento familiar, à contribuição para a preservação do meio ambiente e às amizades construídas no ambiente laboral. Esses achados sugerem que a satisfação no trabalho de catadores não deriva apenas de aspectos instrumentais (renda, sobrevivência), mas também de dimensões expressivas, como o sentido de contribuir para algo maior (preservação ambiental) e a qualidade das relações interpessoais.

Coelho *et al.* (2017), em estudo qualitativo de pesquisa convergente-assistencial com 11 catadoras de uma cooperativa no centro do Rio Grande do Sul, identificaram que a satisfação estava fortemente associada ao sentido de dignificação e pertencimento proporcionado pelo trabalho. As participantes relataram ganhos materiais - como melhores condições de alimentação e construção de moradia -, mas também ganhos simbólicos, como autoestima e reconhecimento. Tarefas coletivas, como a triagem em mesa, foram valorizadas por favorecerem a socialização e o fortalecimento de vínculos entre as trabalhadoras (Coelho *et al.*, 2017; Kirchner *et al.*, 2009).

Por outro lado, as vivências de insatisfação estiveram relacionadas ao estigma social e familiar, à discriminação no atendimento em residências e a conflitos interpessoais na equipe, agravados por sobrecarga de trabalho, com repercussões como irritabilidade e isolamento. Problemas interpessoais emergem, portanto, como ponto crítico de insatisfação, em consonância com outros estudos sobre catadores (Medeiros; Macedo, 2006; Cavalcante; Franco, 2007).

Esses achados dialogam diretamente com as evidências apresentadas por Aazami *et al.* (2015), que identificaram associação entre insatisfação no trabalho e maior prevalência de distress psicológico, distúrbios do sono, cefaleia e problemas gastrointestinais e respiratórios entre mulheres trabalhadoras. Embora o contexto seja distinto, a lógica é semelhante: insatisfação, estigma e conflitos interpessoais não são apenas “incômodos” subjetivos; eles se traduzem em sofrimento psíquico e agravos à saúde física. No caso dos catadores, o estigma social e a discriminação funcionam como fatores de risco psicossocial

que se somam às condições precárias de trabalho.

O que esses estudos revelam, em última análise, é que a realidade paradoxal do trabalho — como espaço simultâneo de saúde e sofrimento, satisfação e insatisfação — não é exclusiva de contextos formais ou privilegiados; ela é atravessada pela mesma necessidade humana de subjetividade, reconhecimento e relações significativas. Os fatores psicossociais que influenciam a saúde de catadores não se reduzem às condições materiais de trabalho; envolvem também processos de identificação com a atividade, reconhecimento social e familiar e qualidade das relações interpessoais no ambiente laboral (Porto *et al.*, 2004; Coelho *et al.*, 2017).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta revisão buscou analisar estudos sobre fatores psicossociais que afetam a saúde mental dos profissionais da reciclagem no Brasil; discutir evidências e - quem sabe principalmente - subsidiar reflexões sobre práticas de cuidado, gestão do trabalho e segurança psicológica como condições inerentes à natureza humana.

Apesar de o material encontrado sobre o assunto ser escasso, os achados suficientemente apontam que os fatores psicossociais centrais que influenciam a saúde desses trabalhadores incluem: (i) identificação com o trabalho e sentido de dignidade; (ii) reconhecimento social e familiar; (iii) qualidade das relações interpessoais e clima organizacional nas cooperativas; e (iv) possibilidades de participação e negociação na organização do trabalho.

A análise desenvolvida ao longo deste capítulo revelou que a compreensão de risco e saúde entre catadores está frequentemente atrelada a uma visão restritiva, vinculada à capacidade produtiva e à sobrevivência: saúde é poder trabalhar; doença é não poder. Riscos que não produzem incapacidade imediata tendem a ser minimizados, ignorados ou naturalizados. Essa percepção, contudo, coexiste com uma organização do trabalho que prioriza aspectos quantitativos (sobrevivência) em detrimento de dimensões qualitativas, como prazer, bem-estar e satisfação.

Os estudos de Dall'agnol e Fernandes (2007), Fontana *et al.* (2015) e Coelho *et al.* (2017) oferecem evidências relevantes para compreender como catadores vivenciam essa dinâmica paradoxal: percebem riscos de forma seletiva, naturalizam o sofrimento, mas também experimentam satisfação, bem-estar e sentido no trabalho. A tensão entre sobrevivência (quantitativo) e prazer/bem-estar (qualitativo) atravessa essa experiência, exigindo intervenções que não se limitem a mitigar riscos físicos e biológicos, mas que também promovam condições de trabalho que favoreçam a saúde mental, o autocuidado e a percepção de sentido na atividade.

O reconhecimento de que a subjetividade das relações humanas é necessidade, não acessório, mesmo na realidade precária desse trabalho é um grande apontamento. Ajuda a induzir políticas públicas e ações de saúde do trabalhador voltadas a ultrapassar a perspectiva estritamente biomédica, incorporando estratégias de reconhecimento social, fortalecimento de vínculos, melhoria das condições de trabalho e participação dos trabalhadores na gestão de seus processos laborais - como qualquer outra relação laboral humana.

A dificuldade de se encontrar literatura a respeito aponta para a necessidade do desenvolvimento de um olhar para a saúde mental na cadeia da reciclagem. Um setor com tanto potencial e franco crescimento econômico - fora os apontamentos de necessidades de atenção em políticas públicas e acordos internacionais de cooperação - merece a dedicação de pesquisadores e a comunhão de esforços de múltiplos atores. Futuras pesquisas podem aprofundar a compreensão sobre como os catadores percebem e vivenciam a tensão entre dimensões quantitativas e qualitativas do trabalho; e como intervenções baseadas em abordagens participativas — como a pesquisa convergente-assistencial — podem promover saúde mental e bem-estar.

REFERÊNCIAS

AAZAMI, Sanaz; SHAMSUDIN, Khadijah. The relationship between job satisfaction and psychological/physical health among Malaysian working women. **Malaysian Journal of Medical Sciences**, Penang, v. 22, n. 4, p. 40-46, jul./ago. 2015. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/26715907/>>. Acesso em: 18 set. 2026.

BRASIL. Lei nº 12.305, de 2 de agosto de 2010. Institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos; altera a Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998; e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 3 ago. 2010.

CAVALCANTE, Sylvia; FRANCO, Márcio Flavio Amorim. Profissão perigo: percepção de risco à saúde entre os catadores do Lixão do Jangurussu. **Revista Mal-Estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. 7, n. 1, p. 211-231, mar. 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482007000100012>. Acesso em: 18 set. 2026.

COELHO, Ana Paula Funck; BECK, Cármen Lúcia Colomé; SILVA, Rosângela Marion da; PRESTES, Francine Cassol; CAMPONOGARA, Silviamar; PESERICO, Angélica. Satisfaction and dissatisfaction in the work of recyclable solid waste segregators: convergent-care research. **Revista Brasileira de Enfermagem** [Internet], Brasília, v. 70, n. 2, p. 384-391, 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2016-0325>. Disponível em: <<https://www.scielo.br/rjeben/a/xWnBRbcrnVtmVwmNQScs5DH/?lang=en>>. Acesso em: 18 set. 2026.

DALL'AGNOL, Célia Aparecida; FERNANDES, Maria Helena Palú. Saúde e autocuidado entre catadores de lixo: vivências no trabalho em uma cooperativa de lixo reciclável.

Revista Latino-Americana de Enfermagem, Ribeirão Preto, v. 15, n. esp., p. 730-737, 2007. DOI: 10.1590/S0104-11692007000700003. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-11692007000700003>>. Acesso em: 18 set. 2026.

FONTANA, Karla Cristina et al. A saúde do trabalhador da reciclagem do resíduo urbano. **Vigilância Sanitária em Debate: Sociedade, Ciência & Tecnologia**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 36-44, 2015. DOI: 10.3395/2317-269x.00292. Disponível em: <<https://visaemdebate.incqs.fiocruz.br/index.php/visaemdebate/article/download/292/216>>. Acesso em: 18 set. 2026.

KIRCHNER, Rosane Maria; SAIDELLES, Ana Paula Flores; STUMM, Eniva Milman Fernandes. Percepções e perfil dos catadores de materiais recicláveis de uma cidade do RS. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**, Taubaté, v. 5, n. 3, p. 221-232, set./dez. 2009. Disponível em: <<https://www.rbgdr.net/revista/index.php/rbgdr/article/view/257>>. Acesso em: 18 set. 2026.

LAZZARI, Michelly Angelina; REIS, Cássia Barbosa. Os coletores de lixo urbano no município de Dourados (MS) e sua percepção sobre os riscos biológicos em seu processo de trabalho. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 8, p. 3437-3442, ago. 2011. DOI: 10.1590/S1413-81232011000900011. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-81232011000900011>>. Acesso em: 18 set. 2026.

MEDEIROS, Lúcia Ferreira de; MACEDO, Kátia Bernardes. Catador de material reciclável: uma profissão para além da sobrevivência? **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 18, n. 2, p. 62-71, maio/ago. 2006. DOI: 10.1590/S0102-71822006000200009. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-71822006000200009>>. Acesso em: 18 set. 2026.

PORTO, Marcelo Firpo de Souza; JUNCÁ, Denise Chrysóstomo de Moura; GONÇALVES, Raquel de Souza; FILHOTE, Maria Isabel Faria. Lixo, trabalho e saúde: um estudo de caso com catadores em um aterro metropolitano no Rio de Janeiro, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 6, p. 1503-1514, nov./dez. 2004. DOI: 10.1590/S0102-311X2004000600013. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-311X2004000600013>>. Acesso em: 18 set. 2026.

SATISFAÇÃO e saúde no trabalho: aspectos conceituais e metodológicos. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, São Paulo, v. 6, p. 59-78, 2003. Disponível em: <<https://revistas.usp.br/cpst/article/view/25851>>. Acesso em: 18 set. 2026.